

GES
PCP



O camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

AS LUTAS CAMPONESAS POR PÃO E TRABALHO

NA APANHA DA AZEITONA

Sousel — Nesta região os agrários tinham começado a pagar aos homens a jorna de 17.00 a varejar e às mulheres na apanha a 8.00 a canastra. Os trabalhadores apesar de dissidios em vários ranchos, conseguiram combinar entre si pedir a jorna de 20.00 para homens e 10.00 a canastra para as mulheres. Perante a sua firmeza de não trabalharem por menos os agrários tiveram de dar a jorna pedida, apesar de antes disso terem andado 2 comerciantes de azeitona a avizar os agrários para não pagarem esta jorna.

Benavila — As camponesas desta região começaram a trabalhar na apanha da azeitona a 16.00 os 100 litros; como vissem que com este preço a jorna era pouca resolveram entre todos os ranchos pedir 20.00 os 100 litros, tendo-os conseguido, até mesmo em alguns ranchos conseguiram 21.00 saindo a jorna 40.00 e até mais.

A FALTA DE UNIDADE PREJUDICA OS TRABALHADORES

Brinches — Os trabalhadores e trabalhadoras tinham assente não

QUE NINGUEM VÁ A MONDA por menos de 15 e 20\$00

A carestia da vida, cada vez pior está a criar mais dificuldades a todos os trabalhadores. Esta situação é ainda mais aflictiva para os trabalhadores do campo pois as jornas que lhes pagam quando trabalham são muito baixas além de estarem grande parte do ano desempregados.

Entretanto, os géneros que constituem a base principal da sua alimentação estão por um preço que se lhe não pode chegar, como por exemplo: toucinho a 20.00, e 21.00, azeite que não engordura nada por ser quase só óleo a 14.00, bacalhau quando aparece é a 16.00 e 19.00, as batatas, o peixe, feijão, o sal, o vinho, etc., não param de subir e só os salários estão sempre na mesma.

Esta situação torna-se insuportável, portanto, há que lutar por uma jorna mínima de 20.00 para homens e 15.00 para mulheres. As mondas estão à porta e como sempre os agrários procurarão pagar jorna de fome; para o evitar só há um caminho a seguir: Todos juntos, homens e mulheres, lutarmos pela jorna mínima.

Os exemplo dos anos anteriores em que se ALCANÇARAM estas jornas, assim como o que se passou este ano na apanha da azeitona, dá-nos a certeza de que é possível consegui-lo, basta para isso desde que estejamos unidos, tal como as mulheres de Baleizão que já no dia 2 de Janeiro foram à Casa do Povo pedir ao Presidente que as ajudasse a alcançar esta jorna, chamando 14 os agrários e o delegado do INT.

Se todas as mulheres e homens souberem seguir este exemplo os 15.00 e 20.00 serão um facto.

trabalharem na azeitona por jorna inferior a 30.00 homens e 20.00 as mulheres, entretanto como não souberam fazer a unidade com os ranchos de fora, que os agrários contrataram, não alcançaram esta jorna, mas somente 20.00 a 24.00, havendo ranchos de fora, incluindo de Baleizão, que trabalharam por 17.00 homens e 10.00 as mulheres. Isto causou grande descontentamento na terra. Ainda hove alguns camponeses de Baleizão que abandonaram o trabalho para não prejudicarem os seus irmãos de Brinches!

Montemor-o-Novo — 30 mulheres que andavam a apanhar azeitona para o, agrário Manuel Rosado Mira, recusaram-se a apanhar maior porção, como o agrário queria, respondendo-lhe que o que precisavam era de mais jorna. Perante esta firmeza o agrário teve de recuar, mas as mulheres continuaram a trabalhar pela mesma jorna.

OUTRAS LUTAS

Moura — 10 homens que andavam limpando um barranco do agrário Mário Claro, ganhando 18.00 resolveram pedir 20.00 e 8 horas de trabalho, tendo-o conseguido.

— 6 camponeses que andavam descaldeirando oliveiras na herdade de «Ameixial Coitos» a ganhar 16.00 pediram 2.00 de aumento, como o agrário os não queria dar ameaçaram largar o trabalho, o patrão deu o aumento.

OS PROXIMOS ACTOS ELEITORAIS

Num restaurante de Cacilhas realizou-se no dia 16 de Dezembro um almoço de confraternização democrática a que assistiram perto de 200 pessoas de vários pontos do país, onde foi resolvido por unanimidade que se devia concorrer às próximas eleições para deputados, tendo assentado criar uma comissão nacional composta por 200 individualidades e começar já a trabalhar em cada terra para a formação de comissões eleitorais que tratem de todos os problemas relacionados com as eleições começando pelo recenseamento.

Ora as eleições para deputados, que se realizam em Novembro próximo, e as eleições para a Presidência da República e para as

Juntas de Freguesia, que se realizam no próximo ano, tem uma grande importância na vida nacional porque elas podem abrir caminho para mudar o regime do Dr. Oliveira Salazar que nada tem beneficiado o país nem os que da terra arrancam o seu pão e a sua fazenda.

«O Camponês», que desde a sua nascença se esforça o melhor que é capaz para defender os interesses de todos os camponeses, dá todo o seu aplauso àquela iniciativa e aconselha todos os seus amigos e leitores, todos os camponeses, sejam eles assalariados agrícolas, seareiros, reideiros ou proprietários, a trabalhar desde já para a participação nesses actos eleitorais.

Para já é preciso que toda a gente se inscreva nos cadernos eleitorais pois quem não estiver recenseado não poderá votar. As «comissões eleitorais» sugeridas no almoço do Ginjal, devem criar-se por toda a parte e organizar em cada localidade as operações do recenseamento. Será bom que se criem postos de recenseamento onde as pessoas possam fazer os seus requerimentos ou possam ser ajudadas a fazê-lo.

Os camponeses e camponesas devem ir de porta em porta lembrar a todos os habitantes que devem recensear-se, e nos postos de recenseamento — que podem ser montados mesmo num estabelecimento, numa colectividade ou na casa de qualquer pessoa — devem estar sempre membros das comissões, munidos de papel «almoço» de 25 linhas, que expliquem aos eleitores como devem preencher os seus requerimentos.

Depois é preciso ir à junta de freguesia fazer a inscrição. Todas estas coisas são gratuitas como estabelece a «Constituição».

A seguir ao dia 15 de Março devem os eleitores voltar à Junta a saberem se estão recenseados e a reclamarem certificados de eleitores, como manda a lei.

Será assim a melhor maneira de responder ao justo apêlo dos democratas reunidos no Ginjal.

NEM O RABISCO!

Todos os anos os camponeses costumam ir ao rabisco da azeitona e com ele ainda conseguem muitas vezes matar a fome aos filhos. Este ano em Vale de Vargo os agrários meteram os porcos e as ovelhas logo atrás dos ranchos para que eles comessem o rabisco e onde não podiam meter o gado punham a GNR para impedir que os camponeses rabiscassem, ou então começavam logo a lavrar para enterrar os bagos que ficavam perdidos. Estes exploradores chegaram a mandar a GNR dar busca às casas dos camponeses e quando estes tinham azeitona em casa já curtida levavam-na se eles não provassem de onde ela lhe tinha vindo, isto mesmo quando se tratava de pequenas porções, privando assim os camponeses e seus filhos do único conduto que tinham!

— 7 camponeses que andavam na sementeira na herdade da «Rola» ganhando 18.00, exigiram do patrão que para trabalharem de sol a sol lhe fosse dado grão, azeite, casa com lenha e luz tendo-o conseguido.

— Como os trabalhadores que andavam com o agrário Manuel Agostinho a ganhar 16.00 ameaçassem ir-se embora, este resolveu dar-lhes 18.00.

— Na estrada de Moura para Machados o empregado não conseguia arranjar trabalhadores a 15.70 e por isso teve de oferecer 18.00 e dar 20.00 aos que já lá andavam, porque estes ameaçavam ir-se embora.

S. Aleixo — Na herdade «Negrita» 8 trabalhadores que andavam na sementeira com a jorna de 16.00, foram junto do patrão exigir 18.00, como este só queria dar 17.00 ameaçaram largar o trabalho pelo que o agrário teve de dar os 18.00.

Ficalho — Como o empregado da estrada de «Água da Mancha» tinha que dar a empreitada pronta em certo prazo contratou 25 trabalhadores a 18.00 em vez de 16.00 como vinha pagando. Os trabalhadores combinaram pedir 25.00 mas como não souberam manter a sua unidade acabaram por aceitar os 18.00.

CONTRA O DESEMPREGO

Baleizão — No começo de Janeiro havia à volta de 200 trabalhadores do campo desempregados, que por não poderem suportar esta

(Continua na pag. 2)

GREVE VITORIOSA

de 600 camponesas de Bencatel

As valentes camponesas de Bencatel que tão boas provas de luta têm dado, começaram a trabalhar na apanha da azeitona sem jorna combinada, pelo que os agrários pagaram 8, 9 e 10.00 na primeira e segunda semanas no começo da 3ª semana as valentes camponesas, em número superior a 600, resolveram pedir 12.00, como os agrários se recusassem a dá-los puseram-se em greve.

Para que a sua luta terminasse vitoriosa as mulheres organizaram grupos que se colocaram às saídas das ruas da localidade para impedir que os agrários levassem mulheres por jorna de fome. Em certa altura vinha uma camionete com 20 mulheres que um agrário tinha contratado a 10.00; então as que estavam de vigia formaram cordões na estrada impedindo que a camionete avançasse, enquanto umas se dirigiam ao agrário dizendo-lhe que nenhuma mulher seguiria por menos de 12.00, outras rodavam a camionete convencendo e ajudando as mulheres a descer, quando o agrário se deu conta tinha a camionete vazia. Vendo isto o agrário deu os 12.00.

O agrário António Simões quando as camponesas lhe pediram os 12.00 respondeu: Só 12 tiros! mas perante a firmeza das camponesas que recusaram propostas de em-

preitada, etc., teve de dar 12.00, e em vez dos 12 tiros!

Outro agrário, José António Torrinha, quando lhe faltou um grande rancho ficou furioso, chamando algumas mulheres perguntou-lhes porque tinham parado, estas responderam, porque queremos 12.00 e se não fizéssemos greve o senhor não nos aumentava. Quando ouviu as mulheres falarem em greve quis esbofetear algumas, ameaçando de despedimento os maridos de algumas que trabalhavam por conta dele todo o ano. As mulheres não se intimidaram e ele então mandou-as contratar com a promessa que daria o mesmo que os outros. Chegando ao sábado pagou só a 11.00, as mulheres chamaram-lhe os piores nomes ameaçando-o que não trabalhariam mais para ele. Perante esta firmeza e unidade teve também que pagar os 12.00!

Foi uma grande vitória a que alcançaram este ano as valentes camponesas de Bencatel, na apanha da azeitona, mostrando de novo como é possível em qualquer trabalho não aceitar as jorna de fome que os agrários sempre querem pagar.

Também os pequenos e médios proprietários ao fim do 3º dia de greve resolveram dar os 12.00, porque as suas necessidades não lhe permitiam aguentar mais tempo.

Lutas por pão e trabalho

(Continuação)

situação se começaram a concentrar na Casa do Povo em grupos de 50, 60, 70 e no dia 5 concentraram-se 100 reclamando à Direcção que lhes arranjasse trabalho. O presidente tendo em vistas dividir os trabalhadores arranhou trabalho somente para 70 chefes de família deixando os jovens e os mais velhos de fora. Os jovens protestaram pedindo também trabalho e ameaçando dirigirem-se ao delegado do INT ou ao governador civil de Beja, caso o problema não fosse resolvido.

Vários trabalhadores dirigiram-se também a um GNR dizendo-lhe: «Srs. não nos apoiem nos pedidos que andamos fazendo, mas quando o povo cheio de fome sair para a rua a gritar que quer pão então já todos se mechem para nos prender».

também no dia 2. de Janeiro 30 mulheres se dirigiram a Casa do Povo para que o presidente arranjasse trabalho a seus maridos e a jorna mínima de 20.00, pois que pelo preço a que estão os géneros é muito difícil viver com menos. Ao mesmo tempo estas valentes camponesas levaram uma lista com os preços dos géneros, como o toucinho, azeite, linguiça, bacalhau, sal, etc., pedindo que sejam tomadas medidas para que o seu preço baixe. Quando o presidente dizia que não sabia resolver este assunto, as mulheres responderam-lhe: «Benedita seja a nossa vida que ninguém sabe resolver», mas sabem deixar-nos morrer de fome, mas a situação dos húngaros já vocês sabem resolver, a esses já sabem trazer para cá e dar-lhes de comer!»

Estas valentes mulheres quizeram ainda que o presidente tomasse medidas para chamar à Casa do Povo o delegado do INT e os lavradores para que fosse combinada uma jorna mínima de 15.00 para as mondas. Como o presidente da Casa do Povo continuasse a esquivar-se, foram buscar o presidente da Junta de Freguesia para que ele redigisse um ofício dirigido ao Governador Civil em que pediam trabalho para os homens com a jorna mínima de 20.00, 15.00 para as mulheres, e o baratamento dos géneros alimentícios.

O presidente concordando com as mulheres foi no dia seguinte a Beja avistar-se com o Governador Civil que prometeu estudar estes pedidos.

Entretanto, para que isto seja um facto é preciso que todos os trabalhadores de Baleizão, homens e mulheres, jovens e velhos, continuem a juntar-se cada vez em maior número na Casa do Povo, tanto os que estão ainda desempregados como os empregados: só a união e solidariedade dos trabalhadores lhes garante a vitória.

Monteiro — Em Dezembro cerca de 60 trabalhadores que estavam desempregados concentraram-se na Casa do Povo para exigir trabalho perante a sua firmeza a Direcção teve de telefonar para a J.A.E. que logo os empregou numa estrada próximo de Redondo.

Pias — Em Novembro cerca de 70 camponeses desempregados dirigiram-se, em grupos, por várias vezes, à Casa do Povo a exigir trabalho, sem contudo serem atendidos.

Aldéia Nova de S. Bento — Também em Novembro 80 a 90 trabalhadores desempregados se dirigiram por várias vezes à Casa do Povo, em pequenos grupos que a direcção ia enganando de dia para dia.

Estes exemplos mostram-nos mais uma vez que quando os camponeses se juntam em massa nas Casas do Povo eles conseguem trabalho; quando vão em grupos dispersos a vitória é mais difícil e incerta.

NOTICIÁRIO

Como protesto contra um decreto do Ministro da Educação que visava liquidar o direito de livre associação dos estudantes e colocar as Associações Académicas debaixo do controle da «Mocidade Portuguesa», os estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto têm rea-

lizado importantes manifestações. Depois da manifestação dos estudantes de Coimbra no dia do jogo Académica-Sport e do grande cortejo de protesto, no dia seguinte, de mais de 3000 estudantes, no qual pediam a revogação do decreto e a demissão do Ministro,

novas acções tiveram lugar em Lisboa, Coimbra e Porto.

No dia 16 de Janeiro mais de 3000 estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto concentraram-se na Assembleia Nacional para assistir à discussão do decreto do Ministro. Forças da GNR, da PSP e da PIDE espancaram os estudantes mas estes, reunidos depois numa faculdade, protestaram junto do Governo e conseguiram assistir à discussão. Os deputados que defenderam as reivindicações dos estudantes foram ruidosamente aplaudidos apesar das ameaças do Presidente da Assembleia Nacional de evacuar pela força os estudantes das galarias.

Grças a esta decidida luta dos estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto o decreto não foi aprovado pela Assembleia Nacional.

Nestas importantes manifestações estudantis participaram lado a lado estudantes católicos e não católicos, incluindo da «Mocidade Portuguesa».

VILA REAL — No dia 15/1 reuniram-se nesta cidade milhares de produtores de vinhos da região para reivindicarem qual a agremiação a que deviam pertencer, isto é, a agremiação que tal como o século do dia 16 relatava, lhes garantia o escoamento dos seus vinhos e um preço remunerador.

BARCELONA 5-1 — Toda a população desta grande cidade resolveu não utilizar os transportes colectivos devido ao aumento dos preços dos bilhetes.

Durante vários dias a população circulou a pé pelas ruas da cidade a caminho dos empregos, enquanto os eléctricos, autocarros, autobuses, metropolitano, etc., circulavam vazios.

Milhares de estudantes e habitantes da cidade desfilaram pelas ruas com cartazes pedindo o baratamento do custo de vida e dando morras a Franco.

Este movimento de protesto contra a subida do custo de vida estendeu-se dias depois a todos os espectáculos públicos.

SEVILHA — No dia 17 de Janeiro também os estudantes desta cidade, apoiados pela maioria da população, organizaram uma manifestação contra o aumento do custo de vida e dos bilhetes dos transportes colectivos e contra as péssimas condições dos edifícios escolares. Durante a manifestação os estudantes voltaram um eléctrico onde viajavam pessoas que se recusaram a aderir ao movimento.

Apelo aos leitores

Amigos, ultimamente têm chegado à Redacção algumas críticas que muito ajudarão a melhorar o nosso jornal.

umas são devidas a ele não ter até aqui tratado, como devia, dos interesses dos pequenos e médios camponeses de todo o país; outras são por o nosso jornal tratar a maioria das vezes os problemas com atraso, não dando aos trabalhadores do campo a sua ajuda nos momentos em que mais precisam dela.

Estas críticas são justas. Para vencer estas falhas de «O CAMPONÊS» não basta porém a vontade da Redacção. É preciso que todos os que labutam no campo nos mandem notícias e apimões. Que os operários agrícolas e os pequenos e médios agricultores nos contem a sua situação, as suas lutas, os seus problemas e o nosso jornal melhorará!

E agora outra coisa: «O CAMPONÊS» não sai mais vezes porque nem sempre há dinheiro para custear as despesas. E com grande sacrifício que o podemos fazer sair. Pedimos por isso a todos os nossos amigos e leitores que ajudem financeiramente o nosso jornal pois só assim ele pode ser aquilo que os camponeses querem que seja.

Já pensastes, queridos amigos, e leitores, as mil e uma maneiras que podereis encontrar para auxiliar financeiramente «O CAMPONÊS»? Pois pensai nisso e vamos meter mãos à obra.

A Redacção está certa que este apelo encontrará o melhor acolhimento de todos os leitores e amigos.

CADA UM COM O SEU MAL...

É uma conversa que eu ouvi num comboio entre um ferreiro e um rendeiro. Dizia o ferreiro:

«Como é que uma pessoa se pode governar com tudo pela hora da morte. Ora veja lá que fui agora a Lisboa comprar aço e gastei 3 contos 780\$00, mais 280\$00 do que paguei há pouco tempo pela mesma quantidade de aço. Se eu levo mais 2.00 em cada calço que ponho nas enxadadas, picaretas e machados os trabalhadores acham caro e com razão porque está tudo a subir e as jornas a descer. Não sei onde é que isto vai parar. Se um homem diz alguma coisa é preso como comunista e ainda leva uma carga de porrada.»

Dizia o rendeiro: «Cada um se queixa do seu mal. Cá por mim trago umas feirazitas arrendadas e agora tenho de me desfazer duns pedacitos meus para pagar as rendas que este ano não pude pagar. Levo uma vida negra. Calcule que tenho 3 vacas leiteiras e agora se quero comprar farinha para o gado

tenho de pagar a saca a 117\$00 e mesmo assim só requisitada ao grémio e tenho de ir buscar à fábrica, quando ainda há pouco tempo as comprava a 114\$00 e podia comprá-las em qualquer depósito. Ora veja quanto tenho de largar a mais gastando por mês 9 sacas. Isto é um governo de ladrões. Multam os pequenos retalhistas por venderem a carne mais cara, mas não multam os grandes que vendem ao preço que queirem! A carne de porco era vendida a 170, 180 e o mais alto a 190\$00 a arroba — Agora vendem-na a 280\$00.

«Diz vocemecê muito bem, onde é que isto irá parar.» Estive para meter o bedelho na conversa e dizer-lhes que não é suficiente «queixar-se cada um do seu mal.» É preciso mais. É preciso unir todos os agricultores e artesãos e pôr todos os prejudicados a lutar juntos contra o governo. Só assim acabaremos com este estado de coisas.

Um observador.



Vamos lá conversar, o Zé!

— Boa tarde aí, ó Zé!
— Boa tarde ó Toino, pela tua cara já vejo que tens disposto a conversar?
— É verdade Zé, ando cá ralado com uma coisa que não descanso enquanto não desabafar!
— Desabucha, homem, se for coisa em que eu te possa ajudar conta comigo.
— Então lá vai. A minha ralação é por causa da nossa vida que não estou a ver grande jeito de melhorar: Nas últimas ceifas as jornas foram arrastadas e muitos não chegaram a ceifar, agora na azeitona as jornas foram outra vez uma miséria, nas mondas é o que se está a ver, e o pior é que nós não estamos unidos e as próximas ceifas estão à porta.

Ainda bem Toino que tu já vais compreendendo que a nossa situação só pode melhorar se a gente estiver unidos, e é isso que mais uma vez nos mostram os nossos irmãos e irmãs de Bencatel, Souzel, Benavila, etc., que por estarem unidos conseguiram jornas mais altas na apénha da azeitona.

— É isso mesmo Zé, e a minha ralação é por ver que a gente anda-nos para aí sem chegarmos à fala uns com os outros, olhe nem sei o que devemos fazer.

— Ó Toino, o que devemos fazer tu agora o disseste, é chegarmos à fala uns com os outros, isto é; homens e mulheres, novos e velhos, pondo de lado qualquer zanga que possa existir entre nós, porque os nossos interesses são iguais e com as nossas zangas só quem fica a ganhar são os agrários.

— É assim mesmo Zé, só o que não sei é como devemos chegar todos à fala.

— De muitas maneiras Toino, tanto pode ser na Casa do Povo, onde é nosso dever juntarmos-nos como podemos e devemos falar sempre que nos encontrarmos, ou seja nos trabalhos que vamos tendo, nas colectividades onde costumamos ir, nas tabernas onde paramos, nas casas uns dos outros, enfim, das maneiras mais variadas e simples, o que é preciso é chegarmos todos à fala, assentando desde já numa jorna igual para todos.

Mas não é só na nossa terra que devemos fazer isto, devemos também chegar à fala com os nossos irmãos das outras terras e pedir-lhes para que eles façam o mesmo e assim por diante. Estou convencido Toino que se fizermos isto podemos muito bem conseguir uma jorna de pelo menos 50.00 nas ceifas que se aproximam. E sabes que mais não devemos esconder de ninguém, seja de quem for, este nosso justo e humano desejo, antes pelo contrário, nós devemos ir junto de todo o comércio pedir-lhe a sua ajuda pois só com uma jorna mais alta nós podemos pagar as nossas dívidas e comprar alguma coisa de roupa e calçado que tanto precisamos, devemos ir junto dos pequenos e médios camponeses, ceareiros, rendeiros, etc, pedir a sua ajuda, pois que eles também vivem com muitas dificuldades devido à ganancia dos grandes agrários. Devemos ir junto da Casa do Povo e autoridades pedir-lhes para nos ajudarem porque eles têm obrigação de nos defenderem e aos nossos filhos da fome e da miséria, enfim, Toino, como vês uma jorna mais alta interessa à maioria do povo.

— Muito bem Zé, gostei de te ouvir e agora basta de conversa o que é preciso é pôr mãos à obra, eu cá por mim vou já começar a falar a todos os amigos e conhecidos. Assim é que é Toino, eu vou fazer o mesmo.